

SIMPÓSIO AT100

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA ENQUANTO PRÁTICA: A LEITURA DE TIRAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

FRAGUAS, Marcela Martins de Melo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
marcelammelo@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho problematiza o ensino de língua portuguesa no tocante ao desenvolvimento das competências e habilidades de leitura e de escrita, sobretudo no segundo segmento do Ensino Fundamental. Entende-se que a construção do conhecimento é progressiva, entretanto o cenário de defasagem vivenciado pela escola evidencia que os alunos chegam ao nono ano escolar com dificuldades para compreender e para produzir textos simples. É possível afirmar que a escola não tem cumprido seu papel de ensinar para o exercício da cidadania, visto que a maioria dos estudantes termina o Ensino Médio sem autonomia para se expressar em situações comunicativas formais. Diante de tais questões, buscou-se pensar em estratégias de ensino-aprendizagem nas quais o discente é tido como sujeito que constrói conhecimento, de forma gradual, na interação com o professor e com os colegas da turma. Essa perspectiva de ensino vai de encontro às metodologias que priorizam o ensino de gramática normativa centrado na metalinguagem por entender que o reconhecimento e a classificação de termos não têm sido suficientes para dar ao aluno subsídios para a comunicação em níveis variados de formalidade. Cabe destacar que os estudos de Bakhtin (2011) são de grande valia para pensar, no âmbito escolar, a língua como interação, prática dialógica na qual emissor e receptor assumem importantes papéis. Assim, a leitura de textos do gênero tira foi proposta aos estudantes com vistas à formação de leitores e de escritores críticos.

Palavras-chave: Ensino; Leitura; Escrita; Produção de Sentidos; Tira.

Abstract: This paper problematizes the teaching of Portuguese language in the development of reading and writing skills and abilities, especially in the second segment of Elementary School. It is understood that the construction of knowledge is progressive, however the scenario of delay experienced by the school shows that the students get to ninth grade with difficulties to understand and produce simple texts. It is possible to affirm that the school has not fulfilled its role of teaching for the exercise of the citizenship, since most of the students finish High School without autonomy to express themselves in formal communicative situations. On these questions, we tried to think of teaching-learning strategies in which the student is considered to be subject who builds knowledge gradually in interaction with the teacher and classmates. This teaching perspective agrees with the methodologies that prioritize the teaching of normative grammar centered on metalanguage, since it understands that the recognition and classification of terms have not been enough to give the student subsidies for communication at various levels of formality. It should be noted that Bakhtin's studies (2011) are of great value for thinking, in the school context, language as interaction, a dialogical practice in which sender and receiver assume important

roles. Thus, the reading comic strip genre texts was proposed to the students so that it could contribute to critical readers and writers training.

Keywords: Teaching; Reading; Writing; Production of Meanings; Comic Strip.

Introdução

De uma forma geral, nos documentos oficiais, nos encontros de formação de professores, nas pesquisas que problematizam o ensino de língua portuguesa, entre outros, é exposto que, ao final do Ensino Médio, o estudante deve ser autônomo nas práticas de leitura e de escrita para o exercício da cidadania. No entanto, é cada vez mais frequente a constatação de que grande parte dos alunos passa anos na Educação Básica, sobretudo no Ensino Fundamental, e não sai dela com a autonomia esperada pelos docentes. Pelo contrário, observa-se um cenário de enorme defasagem e a sensação (aliada a uma frustração) de que o estudante esteve por anos na instituição de ensino, mas não alcançou conhecimentos mínimos.

Muitos são os fatores que contribuem para o insucesso escolar. Na escola pública, a ausência de políticas públicas de qualidade é o principal deles. Seria injusto pensar que o entrave diz respeito estritamente às metodologias de ensino. Entretanto, por uma questão de espaço, neste trabalho, serão discutidos aspectos referentes a questões metodológicas relacionadas à leitura de tiras como objeto de ensino de modo a contribuir para que os discentes se tornem leitores competentes. Os anos finais do Ensino Fundamental são propícios a tal ensino, uma vez que se tem a oportunidade de trabalhar em torno do texto com o objetivo de formar leitores sem a obrigação de prepará-los sistematicamente para o vestibular. Supõe-se que, a partir do 6º ano, o aluno já aprendeu a realizar a leitura decodificada. Entretanto, não se pode considerar que ele já saiba ler. É preciso torná-lo consciente de como essa leitura é realizada.

O principal desafio do professor de língua materna é ensinar gramática, leitura e produção de textos de forma que os conhecimentos de cada área sejam relacionados quando necessário. Bakhtin (2011) expôs que todos os campos da atividade humana estão ligados por meio da linguagem e que o

emprego da língua é feito sob a forma de enunciados que se ajustam às necessidades de cada campo de atuação. Dessa forma, o autor discorre sobre os gêneros discursivos, isto é, os textos organizados de diferentes maneiras para atender aos propósitos comunicativos orais ou escritos dos interlocutores na interação.

Cabe ressaltar que, nessa perspectiva de ensino, as variedades existentes na língua são reconhecidas, mas o objetivo é preparar o educando para as situações comunicativas formais. Para isso, a norma padrão é ensinada, uma vez que os saberes trazidos pelo aluno, ao ingressar na escola, devem ser considerados e ampliados com o intuito de que ele exerça seu papel em sociedade também nas situações formais de comunicação. Do mesmo modo, a ênfase está na apropriação da língua escrita, visto que o aluno já “domina” a oralidade. Entretanto, admite-se a necessidade de discussão acerca do redimensionamento da oralidade nas aulas de português, de forma que o discente se aproprie da norma culta e dela faça uso nas situações de interação orais formais.

Na certeza de que muitas são as problematizações a serem feitas a respeito do ensino de língua portuguesa e na impossibilidade de ampliar a discussão neste espaço, privilegiou-se no trabalho em questão o desenvolvimento das competências e habilidades de leitura. Acerca de práticas de leitura, João Wanderley Geraldi (2011, p. 92) aponta que, diante de um texto, o leitor pode ter diferentes posturas: a busca de informação, o estudo do texto, pretexto e fruição. Assim, para cada uma dessas finalidades, são mobilizadas estratégias. Não se lê um poema da mesma forma que se lê um manual. Além de os níveis de complexidade de um e de outro texto serem distintos, o objetivo com que se chega aos mesmos também é diferente.

De acordo com Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, tirado de sua esfera de circulação, o texto na sala de aula passa a ser gênero escolar, pois o objetivo da escola, ainda que sejam realizadas atividades inovadoras e dinâmicas, é o ensino-aprendizagem, já que “o aluno encontra-se, necessariamente, num espaço do ‘como se’, em que o gênero funda uma

prática de linguagem que é, necessariamente, em parte fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 65). Sendo assim, tiradas dos jornais, revistas, sites etc., as tiras lidas na escola têm uma finalidade pedagógica e isso deve ser explicitado ao aluno, bem como ensinadas as estratégias necessárias ao entendimento do gênero.

Espera-se que o aluno leia textos de diferentes gêneros e em diferentes níveis de formalidade e complexidade, que saia do âmbito da decodificação e passe a ser um produtor de sentido. O anseio é de que os discentes leiam e respondam corretamente (dentro da perspectiva de respostas do professor) às atividades de interpretação de texto, mas não se ensina a ler. Em defesa do ensino da leitura (que não significa somente ensinar a decodificar), Isabel Solé (1998) apresenta estratégias para a formação de leitores. Segundo a abordagem da estudiosa, a leitura de textos organiza-se em três momentos distintos (antes, durante e depois da leitura), cabendo a cada um deles perguntas feitas pelo professor e pelos alunos, cujo objetivo é a regulação do processo de leitura.

1. Algumas considerações sobre a leitura de tiras na escola

Paulo Ramos (2017) esclarece que o gênero textual tira é um gênero autônomo dentro do hipergênero quadrinhos. Não raro, em questões que figuram em materiais didáticos, provas diagnósticas e de vestibulares, as histórias em quadrinhos resumem-se a um único gênero dadas as marcas comuns que compartilham, tais como balões, onomatopeias, quadrinhos, tendência de composição de histórias em narrativas etc.

O pesquisador chama a atenção para a predileção pelo uso de tiras no ensino de língua materna e em avaliações. Para Ramos, isso se dá pela densidade de conteúdo, uma vez que são textos que reúnem bastante informação do ponto de vista linguístico, e o tamanho diminuto, um facilitador para a produção de material em larga escala. Portanto, é importante o ensino desse gênero em sala de aula.

Koch e Elias (2014) destacam a leitura com foco na interação autor-texto-leitor como uma atividade de produção de sentidos “que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2014 p. 11). Assim, para a compreensão de uma tira, precisam ser ativados os conhecimentos prévios do leitor, ele precisa ser levado a fazer inferências, a perceber os aspectos não explícitos do texto, entre outros.

A tira deve ser concebida como um gênero multimodal, por somar elementos verbais aos visuais (imagem, cor, balões etc.). Daí, a leitura de textos multimodais, dos quais as tiras fazem parte, levou a uma ampliação do conceito de letramento, em que se entende que não só a escrita produz sentido em práticas sociais. Com o advento da internet, seu poder de alcance e sua influência, os alunos tornaram-se acostumados a ler as imagens. Dessa forma, é preciso que a escola se aproprie desse hábito e transforme-o em matéria de ensino significativo, direcionando de maneira apropriada essa leitura.

Obviamente, os elementos não verbais são essenciais à leitura da tira. Muitas vezes, há um uso improdutivo desse gênero, quando as perguntas trazidas pelo material didático ou mesmo as elaboradas pelo professor priorizam o uso verbal, ou seja, o aluno constata que não precisa do visual para responder às questões. Em situações desse tipo, é melhor a escolha de outro gênero a fim de que o discente não consolide que não necessita de uma leitura global para atender às expectativas de resposta. A regularidade de atividades desse tipo fará com que ele desenvolva uma leitura mecanizada, restrita aos aspectos verbais, não desenvolvendo, portanto, sua competência leitora.

O mesmo acontece com tiras usadas sempre como pretexto para ensino-aprendizagem de conhecimentos de natureza gramatical. Aqui, o pretexto não é visto como algo negativo, em razão do entendimento de que pode ser um dos objetivos da leitura, como exposto por Geraldini (2011). A problemática consiste em priorizar o uso de tiras como pretexto para trabalhar apenas normas gramaticais, desconsiderando todos os outros elementos que

são inerentes ao gênero. Praticado dessa forma deficitária, o ensino de língua não forma leitores nem produtores de texto desenvolvidos com a linguagem.

Dentre os fatores necessários à compreensão de leitura, Koch e Elias (2014) entendem que alguns estão relacionados ao autor e ao leitor do texto, tais como bagagem cultural, conhecimento de mundo, contextos de produção e de recepção etc., e outros seriam derivados do próprio texto, podendo ser de ordem material ou linguística. Os de natureza material dizem respeito ao tamanho e à clareza das letras, cor e textura do papel, comprimento das linhas, parágrafos longos, entre outros. Esses aspectos podem ser um impedimento à compreensão leitora dos alunos, sobretudo na escola pública, pois nem sempre as cópias tiradas dos materiais didáticos e das provas são de boa qualidade. Por isso, o uso do livro didático é um facilitador do trabalho com tiras, ainda que limite o poder de seleção do professor acerca do que seria lido em sala de aula. O segundo fator, de natureza linguística, relaciona-se ao léxico, estruturas sintáticas, ausência de sinais de pontuação, entre outros. Ao professor, cabe orientar o aluno no que concerne a esse segundo fator.

Uma das principais queixas dos estudantes em relação à leitura de tiras é “que elas não têm graça”. Tal resposta é dada diante da pergunta para explicar seus efeitos de humor. Contudo, diante de um texto em que seja necessária a mobilização de repertórios extralinguísticos e de conhecimentos linguísticos mais complexos, o discente exterioriza o seu não entendimento da tira dizendo não ter achado graça na tentativa de se esquivar de responder à questão. Sobre a leitura de tiras cômicas, Ramos destaca que uma de suas principais características é a quebra de expectativas do leitor, provocada por todos os elementos verbais e não verbais que constroem o texto, tendo em vista que “elas trazem uma leitura específica que, se não desvendada pelo leitor, não leva ao sentido humorístico” (RAMOS, 2017, p. 79). A dificuldade de acionar diferentes repertórios e de ler de maneira global, considerando aspectos visuais e verbais, foi constatada na leitura, em sala de aula, desta tira, de Adão Iturrusgarai:



(Folha de S. Paulo, 18/6/2005.)

ITURRUSGARAI, Adão. Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=16476&anchor=5516011&origem=busca&pd=81cda85c33d9dec992b442f5e41251bb>>. Acesso em 31 de maio de 2019.

Para a compreensão dessa tira, o leitor precisaria inferir que os adolescentes estão tão ligados à tecnologia que não querem sair de casa para nada, por isso se tornam, na visão de seus pais, mal-humorados e estressados. Além disso, há uma crítica a esse comportamento, evidenciada pelo uso do controle remoto, já que Zezo quer “avançar” o Sol para que possa retornar à sua zona de conforto, momento de quebra de expectativa que garante o efeito de humor. Outras discussões podem ser feitas com os alunos a partir da leitura da tira acima: a necessidade de controle (e daí a polissemia da palavra) do ser humano, a falta de interação com a natureza por conta do excesso de tecnologia, a dificuldade de desacelerar, o contexto tecnológico do ano (2005) em que a tira foi produzida etc. É possível, ainda, fazer uma releitura da tira com os aparelhos tecnológicos utilizados pelos adolescentes na atualidade.

Uma quantidade significativa de alunos não conseguiu fazer essas conexões e, para eles, a tira não teve sentido. Alguns alunos responderam que o humor não existia, visto que não é possível “avançar” o Sol com um controle remoto. Esses alunos não conseguiram associar os elementos visuais e verbais aos conhecimentos extralinguísticos.

Considerações finais

Neste trabalho, algumas questões referentes ao ensino e à leitura de textos do gênero tira foram problematizadas. Acredita-se que o trabalho com a linguagem em torno do gênero possa ser bastante produtivo, dado que, por serem multimodais, as tiras pressupõem que o leitor mobilize diferentes repertórios e estratégias para sua compreensão.

Tendo em vista a presença constante de tiras em livros didáticos e em provas diagnósticas no Ensino Fundamental, é imprescindível que o estudante aprenda a dominar tais estratégias ao longo das aulas de língua portuguesa a fim de que não se sinta intimidado diante da leitura em avaliações. Para isso, chegou-se à conclusão de que o livro didático é um bom suporte para que o gênero seja explorado nas aulas, uma vez que a qualidade das cópias nem sempre favorece a leitura desses textos.

Cabe, então, ao professor, diante do gênero tira (e de qualquer texto), ensinar o aluno a ler, ou seja, explicitar os objetivos da leitura, reconhecer as pistas textuais, visuais ou verbais, conduzir à ativação de conhecimentos prévios, levar os alunos a construir hipóteses e a fazer inferências, de modo que, gradualmente, consigam realizar suas leituras com autonomia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 5ed. São Paulo: Ática, 2011.

RAMOS, PAULO. **Tiras no ensino**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercados das Letras, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ed. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

VILLAÇA, Koch; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2014.